

Expodireto Cotrijal 2014

# 25º FÓRUM NACIONAL DA SOJA

Não-Me-Toque-RS - 11 de março de 2014

**DOCUMENTO-SÍNTESE\***

\*Documento elaborado pelo Prof. Dr. Argemiro Luís Brum, consultor do 25º Fórum Nacional da Soja.

Expodireto Cotrijal 2014

## 25º FÓRUM NACIONAL DA SOJA

11 de março de 2014 Não-Me-Toque-RS

### DOCUMENTO-SÍNTESE\*

#### PROGRAMA

9h - Abertura: **Nei César Mânica**, Presidente da Expodireto Cotrijal  
**Caio César F. Vianna**, Presidente da CCGL/Termasa-Tergrasa  
**Rui Polidoro Pinto**, Presidente da FecoAgro

9h10min 1ª Palestra:

#### **Helicoverpa : Realidades do Sul e Centro Oeste :**

**José Roberto Salvadori** – Pesquisador e Professor da UPF

**Luis Henrique Kasuya** – Eng. Agr e Consultor da Kasuya  
Consultoria Agronômica

- *Identificação dos Diferentes Tipos de Helicoverpa*
- *Danos Econômicos Causados no Centro Oeste e Rio Grande do Sul*
- *Habito de desenvolvimento e culturas hospedeiras*
- *Forma de Monitoramento e Medidas de Controle*
- *Controle Biológico X Controle Químico*

Moderador: **Silvio André Biasuz** – Gerente Produção Vegetal Cotrijal

10h10min 2ª Palestra:

#### **Cenário Econômico e Perspectivas**

**Alexandre Englert Barbosa** – Economista-chefe do Banco Cooperativo Sicredi

- *O mundo desenvolvido está em franca recuperação?*
- *Os países emergentes estão fadados a sofrerem no novo cenário internacional?*
- *Onde vai parar a taxa de câmbio?*
- *Inflação: como domar a escalada de preços?*
- *Até onde vai o aumento de juros no Brasil?*
- *O que esperar do crescimento da economia brasileira neste e nos próximos anos?*

Moderador: **Caio César F. Vianna**, Presidente da CCGL/Termasa-Tergrasa

11h20min 3ª Palestra:

#### **Perspectivas da Produção, Mercados e Preços da Soja**

**André Pessoa** - Sócio-Diretor da Agroconsult

- *Primeiras avaliações das equipes do Rally da Safra 2014*
- *Perspectivas do mercado de soja para 2014*
- *Análise dos fundamentos de oferta e demanda, custos de produção e rentabilidade*
- *As oportunidades de 2014 e os riscos de 2015*
- *Os gargalos da infraestrutura logística*

Moderador: **Odacir Klein** – Presidente da Ubrabio

13h00min – **Encerramento/Almoço.**

---

## *Ano-25*

A importância da soja na economia brasileira ensejou, há 25 anos, o lançamento anual de um debate aprofundado sobre sua realidade e tendências, com ênfase nos aspectos técnicos ligados à produção da oleaginosa, nos aspectos econômicos nacionais e internacionais que influenciam a produção e comercialização do produto, e particularmente nos aspectos de mercado e tendências de preços. O referido debate ganhou o nome de Fórum Nacional da Soja.

O mesmo, pela sua abrangência e importância, assumiu um espaço cada vez maior no cenário brasileiro, servindo de referência anual para os agentes econômicos que atuam no mercado da soja, assim como para os órgãos públicos, a imprensa e a sociedade em geral.

Isto registrado fica claro que os diversos segmentos da cadeia produtiva da soja - o planejamento do plantio, a conjuntura econômica em que esta atividade está inserida, bem como as perspectivas que o mercado oferece na comercialização da produção – estão interligados e devem ser analisados no conjunto. É o que tem proposto este Fórum ao longo dos anos, com as sugestões e o apoio cada vez mais efetivos de seus participantes.

Nesse contexto, no **Ano-25** do Fórum Nacional da Soja a sua programação foi assentada nos três pilares fundamentais que envolvem essa atividade produtiva:

- 1) a tecnologia agrônômica - uma avaliação sobre os mais recentes danos e medidas de controle na cultura da soja;
  - 2) o cenário econômico internacional e brasileiro – câmbio, inflação e juros – e o que podemos esperar a curto e médio prazo;
  - 3) a análise dos fundamentos de oferta e demanda de soja no mercado e evolução de seus preços, oportunidades e riscos.
-

# PALESTRAS

---

## 1ª Palestra:

### **Helicoverpa: Realidades do Sul e Centro-Oeste**

#### **José Roberto Salvadori – Pesquisador e Professor da Universidade de Passo Fundo**

Graduado em Agronomia pela Universidade de Passo Fundo (1974).

Mestrado em Fitotecnia/Fitossanidade (Entomologia) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978).

Doutorado em Entomologia pela Universidade de São Paulo (1987) e treinamento no Canadá sobre pragas associadas ao solo (1989).

Foi pesquisador da Embrapa durante 30 anos, trabalhando no Centro de Pesquisa Agropecuária do Oeste (Dourados, MS) de 1980 a 1985 e no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (Passo Fundo, RS) de 1986 a 2009.

É professor da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, nas disciplinas de Entomologia Agrícola, no curso de graduação em Agronomia Pragas das Plantas e Manejo de Pragas no curso de Pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

Tem experiência em manejo integrado, bioecologia, danos e controle de pragas de soja, milho e trigo, pragas de solo e pragas associadas ao sistema plantio direto

#### **Luis Henrique Kasuya – Eng. Agr e Consultor da Kasuya Consultoria Agrônômica**

Graduação em Agronomia em 1986 – Fundação Faculdade de Agronomia Luiz Meneguel – Bandeirantes – PR.

Pós graduação em Fertilidade e Nutrição Mineral de Plantas – Universidade Federal de Lavras  
Consultor na Região Oeste da Bahia nas culturas de algodão, soja e milho

Trabalha com:

Formação de perfil de solo;

Plantio direto;

Manejo Integrado de Pragas, doenças e ervas daninhas;

É um dos líderes do Programa Fitossanitário no controle de *Helicoverpa armigera* no Brasil

Possui uma estação de Pesquisa para desenvolvimento de defensivos, fertilizantes e variedades

### **HELICOVERPA ARMIGERA: UMA REALIDADE QUE PREOCUPA**

Contrariamente ao que muitos imaginam, a presença da lagarta *Helicoverpa armigera* é uma realidade também no Rio Grande do Sul desde 2012/13. Segundo José Roberto Salvadori, embora a pesquisa ainda esteja aprendendo a respeito desta nova praga, alguns importantes resultados já podem ser destacados. Os estudos de identificação da mesma ainda não terminaram, mesmo porque a confirmação oficial de sua existência se deu apenas em novembro de 2013.

Um dos aspectos importantes para a sua compreensão passa pelo monitoramento, através da captura de mariposas via o uso de armadilhas de feromônio. Os primeiros resultados apontaram que, em 62 municípios gaúchos pesquisados, da totalidade de mariposas capturadas 94,1% se confirmaram ser da espécie *Helicoverpa armigera*. Estudos específicos realizados pela Universidade de Passo Fundo, sob coordenação do professor Salvadori, demonstraram que nas 41 armadilhas utilizadas, incluindo em municípios de Santa Catarina, 95,3% das mariposas foram da espécie *Helicoverpa armigera*. Já em projeto desenvolvido pela Cotrijal, 97,6% das capturas foram da espécie *Helicoverpa armigera*. Ou seja, o ataque desta praga é uma realidade que preocupa. Além disso, constatou-se sua presença igualmente em lavouras de trigo e canola.

Na busca de uma estratégia de combate à mesma os estudos demonstraram que o pico de seu primeiro ataque na soja se deu entre início de novembro e meados de dezembro. Notou-se que uma área sem controle sofre danos e injúrias ao redor de 30% a 40% de sua totalidade. Obviamente, em função de tais estudos estarem no início, devem-se considerar tais percentuais como um potencial de danos. Notou-se igualmente que a presença de inimigos naturais é extremamente importante para o seu combate. A presença de mosca parasita leva a uma mortalidade de 25% das lagartas *Helicoverpas*. Desta forma, o exame das plantas, por parte dos produtores, se torna necessário daqui em diante, na altura de duas vezes por semana, pois a janela para controle da praga ocorre quando ela está ainda pequena, em até 14 a 23 mm de tamanho.

Como conclusão, o professor Salvadori adiantou que a *Helicoverpa armigera* está com uma ampla distribuição geográfica no Rio Grande do Sul, porém, com níveis de incidência variáveis. Nesse sentido, reforçou que o tratamento das sementes é importante e o produtor não pode prescindir de realizá-lo. Segundo ele, os estudos verificaram que a soja transgênica Bt, nas primeiras impressões recolhidas, oferece resultados muito positivos em relação ao controle da referida praga. Todavia, é fundamental que os produtores preservem o controle biológico natural para manter o equilíbrio no processo de

combate à praga. Isso porque o potencial de dano é severo já que a lagarta ataca também as vagens e o produto final. Assim, a eficiência do controle depende muito do momento da aplicação do insumo químico, fato que reforça a importância do monitoramento constante das lavouras. Enfim, os produtores precisam cuidar igualmente das outras pragas, pois o manejo concentrado especialmente na *Helicoverpa* pode se mostrar inadequado para o conjunto das pragas que atacam a soja.

Na complementação do tema, o palestrante Luís Henrique Kasuya, a partir de suas experiências na Bahia, onde a *Helicoverpa armigera* se fez presente há mais tempo, adiantou que a soja *Intacta* tem um excelente controle da praga, com o mesmo atingindo até 80%. Já no algodão o resultado cai para 50%. Por sua vez, o feijão se mostrou extremamente sensível a esta lagarta, sendo igualmente encontrados focos em plantações de café, laranja e limão. Notou-se também que as ervas daninhas são hospedeiras da *Helicoverpa*, o que potencializa o problema.

Uma estratégia importante de combate à praga está no horário de aplicação dos produtos químicos de combate. Na Bahia, os melhores horários são muito cedo ou à noite, quando as temperaturas são mais amenas o que permite mais facilmente atingir a praga. Reforçou que após a lagarta superar os 8mm de tamanho o controle da lagarta se torna muito difícil, ocorrendo perdas inevitáveis. Destacou que não apenas monitorar e identificar o tipo de lagarta é importante, mas igualmente monitorar os ovos das mesmas. Segundo ele, é imprescindível que o produtor rural rotacione os mecanismos de ação contra a *Helicoverpa* a fim de preservar os insetos benéficos ao seu combate. Dependendo apenas de produtos químicos significa perder “a guerra” contra a *Helicoverpa armigera*.

## 2ª Palestra:

### **Cenário Econômico e Perspectivas**

#### **Alexandre Englert Barbosa – Economista-chefe do Banco Cooperativo Sicredi**

Economista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Economia na área de Economia Internacional e Doutor em Economia Aplicada também pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agrega experiências anteriores de consultor econômico em entidades empresariais gaúchas, como a Federação das Associações Comerciais e de Serviços do RS (FEDERASUL) e a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) e de professor convidado do MBA em Finanças da Unisinos/RS. Em 2004, foi convidado pelas embaixadas dos EUA e do Japão para visitar as principais instituições políticas e econômicas em ambos os países.

Responsável pela área premiada por suas projeções econômicas no ranking da Ag. Estado, figurando entre os dez melhores do país por quatro oportunidades nos últimos cinco anos. Em 2013, a área obteve a segunda colocação. Frequentemente também leva o Sicredi ao topo dos rankings mensais do Banco Central e da Bloomberg em vários indicadores econômicos.

Atualmente, exerce o cargo de Economista-chefe do Banco Cooperativo SICREDI.

### **O BRASIL ESTÁ EM RISCO**

Para o palestrante Alexandre Englert Barbosa o mundo desenvolvido se encontra em recuperação da crise econômico-financeira de 2007/08. Todavia, a normalidade destas economias se dará em outro contexto daqui em diante. Nesse quadro, os países emergentes irão sofrer mais, porém, de forma assimétrica. Enquanto o mundo deverá crescer 3,7% em 2014 e 4,1% em 2015, segundo o FMI, os EUA deverão se aproximar do crescimento observado entre 2004-2007, a região do Euro ainda registrará uma reação econômica muito baixa, enquanto a China assistirá a um recuo de 12% para 7% em seu crescimento médio anual. Quanto ao Brasil, com um crescimento baixo e ajuste fiscal insuficiente, o risco de receber rótulo negativo das agências de risco torna-se grande daqui em diante.

No quadro externo, preocupa o comportamento da China, pois há riscos de seu crescimento vir a ser ainda mais baixo no futuro. Já o Brasil, de 2011 em diante registra um descolamento em relação ao crescimento mundial, ficando nosso país aquém da média mundial. E a recuperação das economias desenvolvidas não resolverá a situação.

No caso dos EUA, por exemplo, sua recuperação eleva a taxa de juros de seus títulos públicos, fato que altera a circulação do capital internacional, fazendo-o se destinar em maior volume para os países ricos. Isso deixa os

emergentes, e particularmente o Brasil, com menor liquidez internacional, fragilizando suas economias. É isso que nos leva a fazer parte, neste início de 2014, do grupo de países batizado de “vulneráveis”, e não há perspectiva no médio prazo de sairmos do mesmo.

Nesse contexto, a taxa de câmbio no Brasil deverá manter um processo de desvalorização do Real, pois a mesma está diretamente ligada à retirada do apoio ao consumo que o governo dos EUA tem aplicado em sua economia, devido justamente a melhoria no seu cenário interno. Menos apoio representa menos dólares em circulação na economia internacional. Isso, somado ao aumento dos juros nos países ricos, elevará a saída de dólares de países como o Brasil, fragilizando ainda mais a moeda nacional.

Para enfrentar tal problema o Brasil terá que fazer um importante ajuste fiscal, acompanhado de um aumento ainda mais expressivo de sua taxa básica de juros. Todavia, tal ação parece não ser o objetivo imediato do governo. Assim, nosso país convive, no momento em que o mundo desenvolvido se recupera, com o descumprimento das metas fiscais; com baixo crescimento econômico; com o risco de rebaixamento da nota de risco por parte das agências de risco; com déficit na balança comercial, o que inibe ainda mais a entrada de dólares; com um baixo crescimento da economia chinesa; e com um superávit primário muito aquém do necessário (para 2014, a projeção do economista é de 1,3% do PIB contra 1,9% oficial). Nesse contexto adverso, a taxa cambial brasileira deverá fechar o ano em R\$ 2,55 e para o final de 2015 se estabelecer ao redor de R\$ 2,65.

Quanto à inflação e os juros nota-se que a condução da política monetária brasileira não tem sido no sentido de alcançar uma inflação de 4,5% ao ano (centro da meta inflacionária). E isso que o governo vem controlando os chamados preços administrados, afetando diretamente as empresas estatais, em particular a Petrobrás. Assim, enquanto os preços livres subiram 7,29% em 2013, os preços administrados subiram apenas 1,54%. A esse quadro se soma um desemprego (pela metodologia oficial) em baixa, fato que não permite elevações muito importantes de salários daqui em diante sob pena de estimular

ainda mais a inflação, obrigando a um aumento maior nos juros para controlá-la no curto prazo. Paralelamente, os preços administrados junto ao setor público terão que subir mais cedo ou mais tarde, se adequando ao mercado, sob pena de inviabilizar as empresas estatais. Soma-se a isso a desvalorização crescente do Real, a qual eleva a inflação interna pelo aumento do preço dos produtos importados.

O que fazer para conter tal inflação potencial? Se o objetivo oficial for trazer a mesma para o centro da meta, ou seja, 4,5% ao ano, a Selic terá que ser elevada para 11% neste ano (talvez um pouco mais) e para 12,25% em 2015.

Em tal contexto, o crescimento da economia brasileira, para melhorar, terá que superar uma série de desafios. No que diz respeito aos desafios conjunturais, tem-se: o crédito moderado; o comprometimento da renda e o alto endividamento do consumidor (45% da população); a recuperação mundial com a conseqüente desvalorização do Real; a taxa de juros em alta com efeitos defasados; a confiança em queda; a dívida bruta elevada (beirando os 60% do PIB) com grande necessidade de ajuste fiscal; a baixa poupança, após forte incentivo ao consumo (o modelo de crescimento calcado no consumo interno se esgotou, a tal ponto que as vendas no varejo recuaram para apenas 4,4% em 2013, se constituindo no pior resultado nos últimos 10 anos); e a redução da liquidez mundial.

Quanto aos fatores estruturais a serem enfrentados, tem-se: a redução no número de pessoas no mercado de trabalho e/ou dispostas a trabalhar devido a menor natalidade e a baixa qualificação; a precária infraestrutura nacional, elevando o chamado custo-Brasil; a falta de energia elétrica (há forte risco de racionamento de energia por questões naturais, mas particularmente por falta de investimentos em infraestrutura no setor); e a baixa produtividade.

Sem vencer tais gargalos conjunturais e estruturais, nosso crescimento ficará por muito tempo entre 1,5% e 2,5% anuais, o que é largamente

insuficiente para as necessidades do país (aliás, o que vem salvando o crescimento do país é o agronegócio, graças às boas safras agrícolas).

Para melhorar as perspectivas de crescimento o país deve voltar, urgentemente, a respeitar o tripé que consolidou a estabilidade da economia, posto em prática em 1999: superávit primário; meta inflacionária; câmbio flutuante. Soma-se a isso a necessidade de um ajuste fiscal profundo, com melhoria da qualidade do sistema educacional, acompanhado de uma maior participação do setor privado em obras de infraestrutura já que o Estado não tem condições de executá-las. Enfim, criar um ambiente de segurança jurídica para o empreendedorismo.

### 3ª Palestra:

## **Perspectivas da Produção, Mercados e Preços da Soja**

### **André Pessoa - Sócio-Diretor da Agroconsult**

Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal de Viçosa/MG e Mestre em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – USP.

É Fundador e Sócio-Diretor do Grupo Agroconsult, atendendo, como consultor, empresas de insumos agrícolas, bancos, tradings, cooperativas, operadores logísticos, empresas de produção agropecuária e associações do setor agrícola.

Criou e coordena há mais de dez anos o Rally da Safra, maior levantamento privado da safra de grãos no Brasil.

É membro do Conselho de Administração da Bolsa Brasileira de Mercadorias – BBM, das empresas AMATA S.A. e AGRIFIRMA S.A. É membro do Conselho Superior do Agronegócio da FIESP e Diretor da Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG.

## **PREÇO INTERNACIONAL DA SOJA VAI CAIR**

A área de soja no mundo vem crescendo. No Brasil, a safra 2013/14 que está sendo colhida acusou um total de 29,7 milhões de hectares enquanto na Argentina a mesma chegou a mais de 20 milhões de hectares. Para 2014/15 os EUA deverão semear mais de 32 milhões de hectares (a intenção de plantio, prevista para o próximo dia 31/03, deverá ser o primeiro indicativo desta tendência). No Rio Grande do Sul, graças ao avanço da soja nas várzeas do arroz, a área semeada nesta safra 2013/14 teria chegado a 4,89 milhões de hectares.

Nesse contexto de área, a safra brasileira estava prevista em até 92 milhões de toneladas neste ano 2013/14. Todavia, a estiagem e forte calor em grande parte do país em parte de janeiro e fevereiro, acompanhadas de excesso de chuvas no Mato Grosso, reduziram a estimativa para 88 milhões de toneladas (Oil World já estima a safra nacional em 84 milhões de toneladas).

Isso significa que a produtividade média brasileira ficará ao redor de 50,1 sacos/hectare, contra 49,4 sacos na safra anterior, podendo mesmo ser menor do que este último número. No Rio Grande do Sul a produção final, que estava estimada em 13,3 milhões de toneladas, fica agora estimada em 12,5 milhões podendo recuar ainda mais na medida em que a colheita ganhar força (a produtividade média gaúcha ficaria entre 40 e 45 sacos/hectare).

Mesmo assim, a produção brasileira tende a ser maior do que as 82,9 milhões de toneladas do ano passado, enquanto a Argentina avalia que poderá colher entre 53 e 56 milhões de toneladas. Se somarmos as 89,5 milhões de toneladas colhidas pelos EUA no final do ano passado, a oferta mundial aumentou, favorecendo a recomposição parcial dos estoques finais da oleaginosa no mundo.

Todavia, como os estoques finais nos EUA continuam baixos, o Brasil enfrenta problemas de logística e a Argentina assiste aos produtores venderem com muita relutância o seu produto, a pressão de compra chinesa (a China é o maior importador do mundo em soja) se dá nos EUA, mantendo elevadas as cotações atuais em Chicago.

Nesse contexto, o primeiro semestre de 2014 deverá assistir a preços médios em Chicago ao redor de US\$ 13,50/bushel. Porém, dependendo da área semeada nos EUA e do comportamento climático (em se confirmando o aumento de área e o clima sendo normal estima-se uma produção final de até 96 milhões de toneladas segundo o Fórum Outlook do USDA realizado em 21 de fevereiro passado), Chicago poderá recuar para níveis médios de US\$ 11,50/bushel no segundo semestre do ano. Isso porque os estoques finais mundiais saltariam de 66 para 74 milhões de toneladas em 2014/15. Já para

2015 não seria surpresa se os preços internacionais da soja recuem para níveis entre US\$ 10,00 e US\$ 11,00/bushel.

Vale destacar ainda que outro efeito sobre os preços em Chicago se dá pela valorização do dólar no cenário internacional, a partir da recuperação da economia dos EUA. Um dólar mais forte tende a levar a uma redução nos preços das commodities, dentre elas a soja.

Quanto aos preços em reais, o que poderá atenuar o recuo nos valores do saco de soja ao produtor brasileiro seria o câmbio, caso se confirme a tendência de desvalorização do Real para níveis entre R\$ 2,55 e R\$ 2,65 por dólar.

Diante de tal quadro, surpreende a pouca comercialização antecipada da atual safra de soja gaúcha. Enquanto o Mato Grosso já negociou 72% de sua safra, e o Paraná chega a 47%, o Rio Grande do Sul estaria ao redor de apenas 30%. Dito de outra forma, os produtores gaúchos já deveriam ter vendido um volume maior de soja neste ano.

André Pessoa discorreu igualmente sobre o mercado do milho destacando que o cereal em grão tem assistido a uma redução de área semeada enquanto o milho para silagem tem se mantido. Destacou que a produção nacional de milho será menor neste ano, com a safra de verão do Centro-Sul ficando em 25,5 milhões de toneladas. Somando-se 5 milhões de toneladas que o Norte/Nordeste deverão produzir, a oferta de verão ficaria em 30,5 milhões de toneladas, ou seja, um resultado bem abaixo do registrado no ano anterior. Por sua vez, a safrinha deverá ter uma redução de área para 8,6 milhões de hectares (talvez menos que isso devido ao excesso de chuvas no Mato Grosso). Desta forma, a projeção de colheita da safrinha fica entre 40 e 42 milhões de toneladas, podendo mesmo recuar abaixo de 40 milhões. Assim, a tendência da produção brasileira de milho será de fechar o ano ao redor de 70 milhões de toneladas, ou seja, bem abaixo das 82 milhões de toneladas do ano anterior.

Nesse contexto, o potencial de exportação brasileira de milho se reduz para 18 milhões de toneladas após o recorde superior a 24 milhões de toneladas do ano anterior. Com isso, os preços do milho no mercado brasileiro tendem a se elevar neste restante de ano, após um forte recuo no segundo semestre de 2013.